

LINGÜÍSTICA E LITERATURA NA OBRA DE J.R.R. TOLKIEN

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

O objetivo do trabalho é mostrar como um filólogo se valeu da ciência da linguagem para servir de suporte para a criação de sua obra de ficção. Tolkien criou uma grande quantidade de línguas em sua juventude, antes de escrever *O Senhor dos Anéis*, muitas delas chegaram a atingir um certo nível de complexidade. Mas, apenas uma foi do seu agrado e conseguiu expressar os desejos linguísticos pessoais: uma língua com uma forte influência do finlandês, que ele denominou “quenya”. Em 1917, esta língua já atingira um alto nível de refinamento e possuía um vocabulário de muitas centenas de palavras (baseadas em um número bastante limitado de radicais). O quenya tinha origem, como qualquer língua natural, em uma língua anterior; e, a partir deste “eldarin primitivo”, Tolkien criou uma segunda língua élfica, contemporânea ao quenya, mas falada por outros povos élficos. Esta língua recebeu o nome de “sindarin” e teve a sua fonologia moldada a partir do galês, a língua mais próxima do seu gosto pessoal, depois do finlandês.

Palavras-chave: Tolkien. Linguística. Literatura. Filólogo. Línguas.

1. Introdução

Tolkien era linguista, especializado em inglês antigo e médio, que criou idiomas como parte fundamental do mundo em que se passa a sua narrativa. Para López (2004, p. 32-33), o autor era um filólogo, no sentido mais tradicional do termo, ou seja, “um amante da palavra”. Para ele, a palavra é capaz de despertar sentido, além de ser um veículo de contato na comunicação. Vale lembrar que o criador de *O Senhor dos Anéis* “acreditava também na revitalização da palavra na forma do próprio dizer e, sendo assim, ela tornava-se para ele *spell* (“fórmula de encantamento”), do gótico *spill* (“récita”, “conto”).” (PINHEIRO, 2007, p. 10)

Logo a dicotomia linguística e literatura não existe na cabeça do autor que ganhou fama com a criação do mundo de *O Senhor dos Anéis*. Ele soube usar do seu conhecimento linguístico e literário para criar uma obra aclamada e cultuada pelo público.

2. Sobre o autor

John Ronald Reuel Tolkien, mais conhecido por J.R.R. Tolkien,

nasceu na África do Sul em 1892. Seu pai, Arthur, foi trabalhar no país logo depois de pedir Mabel em casamento. Devido às dificuldades de adaptação a mãe de Tolkien voltou para Birmingham em 1895 para uma visita à sua terra natal. No ano seguinte seu marido faleceu, sendo assim ela resolveu permanecer na Inglaterra definitivamente com os filhos.

Mabel criou os filhos sozinha. Como a casa da família de Mabel era pequena receber a todos, ela resolveu viver apenas com os filhos. Essa resolução se tornou ainda mais necessária quando ela resolveu abraçar a fé católica, sendo reprovada por sua família, que origem metodista e anglicana.

Aos 12 anos Tolkien ficou órfão e a sua guarda e de seu irmão passou ao padre Francis Xavier Morgan. Ele os levou para morar com uma tia, Beatrice Suffield. Depois de alguns anos, o sacerdote os alojou na casa de Mrs. Faulkner. Ali Tolkien conheceu Edith Bratt, por quem se apaixonou aos 17 anos de idade.

A possibilidade de um relacionamento do rapaz com uma moça três anos mais velha não foi aceito pelo padre Francis. O jovem manteve distância de Edith, mas prometeu casar-se com ela quando atingisse a maioridade.

Durante esses anos, Tolkien se dedicou aos estudos, mantendo seu relacionamento com Edith como uma fantasia idealizada sublimado na escola e no oratório.

Na King Edward's School, ele tomava parte de grupos de debates e de dramatizações até ingressar em Oxford.

Em 1916, um ano após concluir o curso de língua e literatura inglesa, Tolkien casou-se com Edith.

Com chegada da Primeira Guerra Mundial, Tolkien foi convocado para servir. Depois de quatro meses no front, ele contraiu a chamada “febre das trincheiras”.

Conforme Pinheiro (2007, p. 52):

De volta à Inglaterra, o autor passou a escrever os primeiros esboços de sua mitologia, com as primeiras histórias de elfos, anões e homens. Com o fim da guerra, Tolkien seguiu a carreira acadêmica, sendo escolhido professor associado de língua inglesa na Universidade de Leeds em 1920 e, em 1925, assumindo o cargo de professor de anglo-saxão em Oxford. Sua paixão por línguas antigas, mitos e lendas, no entanto, continuou a acompanhá-lo, sendo suas edições de *Sir Gawain and The Green Knight* e *Beowulf* reconhecidas até

hoje.

Durante boa parte de sua vida, Tolkien lutou para manter as finanças da família em dia, aceitando as mais variadas atividades acadêmicas para servir de complemento para sua renda, inclusive corrigindo redação – mesmo assim aproveitava o pouco tempo que sobrava para desenhar. Apesar de todo seu prestígio na universidade, ele só pode desfrutar do conforto financeiro depois que *O Senhor dos Anéis* se tornou um sucesso mundial.

Em família, Tolkien contava histórias, criadas por ele para seus filhos. Um dia, enquanto corrigia provas, ele anotou no verso do trabalho de um aluno a frase que saltava de sua mente fértil: “Num buraco na terra vivia um hobbit”. Com essa frase, Tolkien criou mais uma história para os filhos, narrando as aventuras do hobbit Bilbo Bolseiro, que originou o livro *O Hobbit*.

Com o sucesso da publicação, a editora pediu uma continuação da história – um trabalho que demorou mais de 16 anos para ser finalizado, dando origem a *O Senhor dos Anéis*, considerado por alguns críticos como uma das obras mais importantes do século XX⁵⁷.

Tolkien faleceu em 1973, dois anos após a morte da esposa, Edith.

3. Sobre a obra

O Senhor dos Anéis se divide em três volumes, por uma imposição da editora, que estava temerosa de publicar uma obra tão volumosa e assumir tal risco de fracasso. Cada volume compreende dois livros, que se chamam: *A Sociedade do Anel*, *As Duas Torres* e *O Retorno do Rei*. O último volume apresenta diversos apêndices sobre a terra criada por Tolkien.

O Senhor dos Anéis levou mais de 16 anos para ser finalizado, conforme dito acima, em um período marcado por profundas mudanças econômicas e sociais, de 1936 (início da escrita da obra) até a publicação do primeiro volume em 1954.

O livro começou a ser escrito durante a grave crise econômica,

⁵⁷ <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/09/morte-de-j-r-r-tolkien-autor-de-o-senhor-dos-aneis-completa-40-anos.html>>. Acesso em: 30-04-20014.

que começou com a chamada Quebra da Bolsa de Nova York, que afetou diversas economias ao redor do mundo.

Pinheiro (2007, p. 64) apresenta a seguinte abordagem sobre a obra de Tolkien:

A obra já chegou a ser classificada como uma leitura escapista, alienante da realidade e da participação na vida cotidiana. No entanto, aqueles que assim a julgam parecem não levar em consideração o fato de que as leis que regem o universo da literatura fantástica descrevem uma realidade mítica, fantástica, não sendo, portanto, as mesmas do nosso mundo. Tolkien não buscava relatar as questões do dia a dia das pessoas, nem a realidade de sua época – características típicas da literatura contemporânea –: ele desejava criar uma mitologia para a Inglaterra (...) Ainda segundo López (2004, p.26), em *O Senhor dos Anéis* Tolkien retomou as origens das tradições celta e anglo-saxã, estabelecendo um “diálogo” entre diferentes instâncias míticas, e escolheu o romance de cavalaria para criar a atmosfera e muitos dos códigos de seu universo ficcional. Por isso, não podemos ler a obra com os mesmos olhos com que leríamos uma obra moderna, pois o que contemplamos são mitos – no sentido tradicional do termo.

4. *Questões linguísticas e literárias: interfaces*

Tolkien criou um mundo para ser um lugar onde as línguas pudessem ser faladas. (STANTON, 2002, p. 31). Já que desde criança esteve exposto a influências que o estimularam pelo conhecimento do mundo linguístico. Ele começou a aprender latim com sua mãe, depois começou a estudar sozinho o francês e o alemão.

Mas a grande entrada no estudo do universo da linguagem foi quando estudou em Oxford, quando teve contato com o anglo-saxão, com o gótico, com o finlandês e do galês, conforme apresentado acima, estimulado pelo filólogo Joseph Wright.

O diferencial é que Tolkien se recusou a manter o estudo da língua separado da literatura, e lutava para que a literatura medieval inglesa fosse redescoberta, por meio da compreensão dos poetas medievais.

Como linguista, Tolkien criou primeiramente uma língua para os personagens, em seguida uma sociedade dos falantes dessa língua. A partir daí, imaginou os detalhes dos locais e as características físicas e psicológicas dos indivíduos pertencentes a essa sociedade. O autor não criou apenas um povo, mas vários, cada um marcado aparência física, língua, arte, crenças, cultos, fórmulas sociais – incluídos aí os modos de formação de famílias ou clãs, regras matrimoniais, autoridade doméstica etc. E

para dar maior complexidade, os membros dessas civilizações interagiram entre si. A narrativa ocorre na Terra Média, na chamada Terceira Era desse mundo.

As línguas usadas na obra são invenções, mas que receberam um passado, uma história, como acontece com as línguas naturais, evoluindo com o tempo, com seu desgaste, empréstimos. Para o imaginário de Tolkien, “as línguas refletem a sorte política das raças ou grupos que as falam; os idiomas também refletem *status* social” (STANTON, 2002, p. 166).

As duas variedades da língua élfica apresentam material para elaborar gramáticas, apesar de trazerem pouco vocabulário. Tais línguas refletem uma antiga história. De acordo com a história, havia os elfos do leste, que ignoravam os elfos do oeste, subdivididos em elfos fizeram a viagem para o Mar e os que fizeram a viagem, mas permaneceram na Terra-média. Os elfos que foram e voltaram são denominados de *Eldar*. Para o autor era denominada de “latim élfico”, usada em ocasiões mais formais. Para Tolkien, o quenya é baseado no latim, com material adicional vindo do finlandês e do grego. Para o uso diário, os elfos usam o sindarin, criado a partir da do conhecimento que o criador da obra tinha do galês, com o objetivo de ser parecido com o celta.

A maior parte dos exemplos das línguas élficas aparece nos poemas e canções. As conversas entre os seres do filme ocorre na língua geral, mas expressas em inglês no texto.

O uso das duas variedades de élfico é, contudo, completamente apropriado: sindarin em Valfenda, um lugar onde persiste a memória da antiguidade e onde pessoas vindas de várias terras se encontram e se misturam; quenya em Lothlórien, o reino oculto onde a antiguidade ainda sobrevive (entretanto, o uso de quenya, mesmo na Floresta Dourada, é limitado. A língua comum entre os Elfos é o sindarin). Resumindo, quenya é a língua élfica usada em cerimônias, rituais e cantos de arte. Sindarin é a língua élfica usada na vida rotineira, incluindo nos cantos comunitários (outras línguas élficas como a dos Elfos do Leste não são ouvidas na história). (STANTON, 2002, p. 167)

A base literário de *O Senhor dos Anéis* está ligada ao poema *Beowulf*, datado do século VIII d.C. e seu mais antigo manuscrito está no Cottonian Collection, na biblioteca do Museu Britânico em Londres. (KLAUTAU, 2011, p. 3).

O poema narra a viagem do príncipe Beowulf, no século IV d.C., que parte para Heorot, o palácio real e o salão do hidromel do Rei Hrothgar. Beowulf descobre que Heorot é atacada constantemente por

Grendel, o ogro.

Depois de anos, Beowulf enfrenta o dragão que ataca seu povo, em sua última aventura. Beowulf se sacrifica e o dragão é morto. O funeral de Beowulf anuncia o fim do tempo dos heróis.

Tolkien demonstra a importância de Beowulf, as convicções pessoais e as expressões artísticas em suas obras posteriores e vários pontos em comum para criar uma mitologia europeia em *O Senhor dos Anéis*.

O Senhor dos Anéis narra a aventura do hobbit Frodo Bolseiro rumo à Montanha da Perdição para destruir o anel do poder, o mais poderoso dos anéis criados na antiguidade daquele mundo para evitar a decadência da Terra Média. O anel foi forjado por Sauron, rei de Mordor para dominar a Terra Média e todos os povos.

A obra descreve a luta entre o bem e o mal. O mal é representado pelo anel e por seu criador. O anel possui vontade própria e confere poderes diversos a seu usuário, mas corrompe o caráter.

Quando Sauron é derrotado, o anel fica perdido até ser encontrado por Bilbo Bolseiro, que o dá para o jovem Frodo, que recebe a responsabilidade de destruir o anel. Para realizar a missão ele se une a um grupo de elfos, anões e humanos.

5. Conclusão

A “qualidade moral” das quatorze línguas e dialetos encontrados em *O Senhor dos Anéis* é uma característica muito marcante na obra de Tolkien. Como foi citado por Lopes, Tolkien disse certa vez: “Ele [O Senhor dos Anéis] é, para mim, principalmente um ensaio sobre ‘estética linguística’, como eu digo às vezes para as pessoas que me perguntam ‘afinal, sobre o que é?’”

Quando o autor estava na adolescência já criava idiomas, como o naffarin, uma mistura de espanhol e latim. Quando se tornou pesquisador e professor da área, continuou seus estudos de línguas.

Sem abrir mão de estudos que estavam ligados à linguística e à literatura, Tolkien sempre fez esse tipo de trabalho, começando pelo seu ensaio *Beowulf: The Monsters and The Critics*, de 1936. Como lembra Lopes (2002 B): “Para entender como Tolkien trabalhava filologicamente, é interessante ver alguns trechos de outro estudo anglo-saxão, o ensaio

On Translating Beowulf'.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KLAUTAU, Diego. As matrizes de Tolkien: as fontes da Terra-Média em abordagem fenomenológica. In. Anais do III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH – Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR), v. III, n. 9, jan./2011.

LOPES, Reinaldo J. Línguas e alfabetos de arda. In. _____. *O universo fantástico de J.R.R. Tolkien*. N. 2. Camargo & Moraes Editora, 2002.

_____. Tolkien, o filólogo. *O Universo Fantástico de J.R.R. Tolkien*, n. 3. Camargo & Moraes, 2002.

LÓPEZ, Rosa Silvia. *O Senhor dos Anéis & Tolkien: o poder mágico da palavra*. São Paulo: Devir, Arte e Ciência, 2004.

Morte de J. R. R. Tolkien, autor de “O Senhor dos Anéis”, completa 40 anos. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/09/morte-de-j-r-r-tolkien-autor-de-o-senhor-dos-aneis-completa-40-anos.html>>. Acesso em: 30-04-2014.

PINHEIRO, Renata Kabke. *Éowyn, a Senhora de Rohan: uma análise linguístico-discursiva da personagem de Tolkien em O Senhor dos Anéis*. 2007. – Dissertação (de mestrado). Universidade Católica de Pelotas, Pelotas (RS).

STANTON, Michael N. *Hobbits, elfos e magos: explorando as maravilhas e o mundo de O Senhor dos Anéis de J.R.R. Tolkien*. São Paulo: Frente, 2002.